

A VOZ DA REVOLUÇÃO



Nº 9

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

OCTUBRO DE 1971



Comunicado de Guerra

NIASSA OCIDENTAL

Em várias acções de emboscadas e sabotagem na região Ocidental do Niassa, durante os meses de Julho e Agosto, os guerrilheiros da FRELIMO mataram 30 soldados inimigos e destruíram 5 camiões militares e 3 catterpilares, estes últimos na estrada entre Lunho-Cobué que o inimigo tenta reabrir. A maior parte destas nossas acções tiveram lugar nas zonas de Manimba, montanha Njengr, Ng'ongue, Macaloge, Vila Cabral e Mbandeze. Foram também completamente destruídas 4 pontes na estrada de Manimba a Metangula. Entre os ataques mais importantes salientamos o ataque contra o posto inimigo que fica na Missão de St. António de Unango, no dia 13 de Agosto. O posto foi muito danificado. Outro ataque importante foi lançado contra o posto de Lunho, em 23 de

Setembro, coordenado com a destruição de uma ponte situada a poucos metros do posto. A ponte era iluminada à noite por holofotes do posto para impedir a entrada dos guerrilheiros. Depois de destruída a ponte, dirigimos a nossa artilharia contra o posto, o qual foi quase completamente destruído. O inimigo ficou em pânico, e nem respondeu ao nosso fogo.

TETE

Ataques:

- 15 de Julho: Os nossos camaradas atacaram o quartel inimigo de Armando, matando 6 soldados, e um major que tinha chegado ao acampamento nessa mesma manhã, de helicóptero, em visita de inspecção. Foram destruídas várias tendas, uma loja e um moinho.

- 15 de Julho: Ataques ao acampamento de Chicwe e destruimo-lo parcialmente.

(continua pág. 3)

O SENTIDO DE UMA VIAGEM

De 20 de Agosto a 5 de Outubro o Presidente da FRELIMO, acompanhado pelos camaradas Sebastião Mabote, Pedro Juma, Tomé Eduardo, Alberto Sande e Sérgio Vieira, visitou a República Popular da China, a República Popular Democrática da Coreia e a República Democrática do Vietnam. Além disso, durante a estadia em Pekim (capital da China) a nossa delegação teve conversações com uma delegação do Governo Real de União Nacional do Camboja (GRUNC) e da Frente Unida Nacional do Camboja (FUNK). Em Hanoi a nossa delegação teve conversações com os camaradas da Frente Patriótica do Laos.

No decurso das visitas e encontros, a nossa delegação pôde discutir profundamente com os mais altos dirigentes dos países visitados. Na China o nosso Presidente e a sua delegação foram recebidos durante cerca de 5 horas pelo camarada Chou En Lai, Primeiro Ministro. Na Coreia, o camarada Kim Il Sung, Secretário Geral do Partido do Trabalho da Coreia e Primeiro Ministro, também discutiu longamente com o nosso Presidente e sua delegação. No Vietnam, fomos recebidos e tivemos importantes conversações com o camarada Pham Van Dong, em nome do Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam e do Governo. O Primeiro Ministro do Camboja e Presidente do Bureau Político da FUNK, Samdech Penn Nouth, dirigia a delegação do Camboja, que teve conversações com a FRELIMO.

Quais eram os objectivos da viagem? Que lições tirámos desta viagem? Quais são os seus resultados?

Os três países que visitámos, a China, a Coreia e o Vietnam, assim como o Camboja, Laos e Vietnam do Sul, com cujos representantes discutimos, são países, que como nós, se encontram em confrontação directa com o imperialismo. Os imperialistas americanos fazem guerras criminosas e cruéis contra o Vietnam, o Laos e o Camboja. Os imperialistas americanos, utilizando os seus fantoches e agentes, ocupam a Província chinesa de Taiwan, a parte Sul da Coreia e tentam manter a sua ocupação do Sul do Vietnam.

(continua pág. 8)

O NOSSO DEVER INTERNACIONAL

Durante este ano a FRELIMO realizou um trabalho importante para desenvolver o movimento internacional de solidariedade para com a nossa luta.

O Comité Executivo confiou ao nosso Presidente a tarefa de reforçar as nossas relações de amizade e cooperação com os países socialistas. Neste contexto o camarada Samora Machel, Presidente da FRELIMO, visitou durante o 2º trimestre deste ano a União Soviética, Bulgária, República Democrática Alemã e Roménia. Mais recentemente, visitou os países socialistas da Ásia — a China, a Coreia e o Vietnam.

Durante estas viagens em toda a parte o nosso Presidente e sua delegação foram recebidos pelos mais altos responsáveis, foram objecto da maior simpatia, carinho, respeito. Estas demonstrações de solidariedade para conosco não partiam somente de dirigentes, altos responsáveis, gente em suma habituada a receber estrangeiros, habituada à diplomacia. A solidariedade de que fomos objecto vinha directamente das massas, do Povo.

O Povo nos países socialistas conheceu profundamente a brutalidade da exploração colonial, da guerra imperialista, como também conheceu o peso da opressão feudal e tradicional. Na Bulgária visitámos uma igreja. Os colonialistas turcos tinham encluido a igreja de patronos búlgaros, de homens, mulheres, crianças e velhos do Povo. Durante dias e dias ficaram fechados na igreja, sem poder sair, sem água, sem comida. Depois de vários dias de martírio, as tropas turcas entraram e massacraram as pessoas, eram centenas e centenas de pessoas. Nas paredes ainda se vêem as marcas da altura a que o sangue subiu.

No Vietnam falaram-nos duma povoação: CAM BINH. A povoação de CAM BINH é de cerca de 3.000 habitantes. Os americanos decidiram fazer desaparecer do mapa essa povoação. A aviação americana bombardeou 297 vezes essa povoação, lançou mais de 5.000 bombas contra essa povoação de cerca de 3.000 habitantes. A povoação de CAM BINH continua a existir nos túneis, a 12 metros por baixo da terra. A povoação de CAM BINH lançou a seguinte palavra de ordem heróica: "se os guerrilheiros se agarram à terra, se os alunos se agarram aos livros, venceremos!" E venceram! CAM BINH existe e os americanos estão a ser batidos.

São dois exemplos que demos, um do Vietnam, outro da Bulgária. Podíamos dar muitos mais, para cada um dos países que visitámos. Podíamos contar que na China visitámos um túmulo dum imperador, um explorador cruel. Neisse túmulo trabalharam 65 milhões de pessoas, oito vezes a população de Moçambique, milhões de pessoas que aí trabalharam como escravos, que aí foram chateados, oprimidos, brutalizados, mortos, para que um feudal tivesse uma morte luxuosa. Podíamos dizer que vimos a cidade de Pyongyang, a capital da Coreia, uma grande cidade, talvez tão grande como Lourenço Marques; nessa cidade toda, depois dos bombardeamentos americanos, depois da destruição americana, só ficou UMA casa em pé. Hoje, 18 anos depois, Pyongyang é de novo uma cidade bela, grande, de novo preparada para a guerra contra o imperialismo, uma cidade que não teme ser destruída.

Vimos o sofrimento e a determinação do Povo. Por isso éramos fácil explicar. Era-nos fácil falar de Mueda, de Xinavane, era-nos fácil falar do Povo que morre nas minas da África do Sul, nas plantações de cana de açúcar, o Povo do arame farpado, o Povo massacrado. Era-nos fácil falar da machila e da palmatória, porque cada pessoa que nos ouvia, tinha no seu corpo as cicatrizes, as feridas da opressão. Pudemos falar da aquela povoação em Tete, por exemplo, que em Julho último,

em 3 dias, recebeu perto de 400 bombas. Os camaradas viveram ou vivem ainda por baixo das bombas. Assim quando nós falamos dos nossos sofrimentos, dos nossos sacrifícios, as pessoas compreendem.

Em Pekim, em Pyongyang, em Hanoi, fizemos reuniões grandes com o Povo, com os quadros. Falamos nessas reuniões, o nosso Presidente, numa linguagem simples, contos a brutalidade da opressão colonialista, as ações criminosas de repressão. Quando víamos a atenção das pessoas a ouvirem-nos, quando víamos que as nossas palavras avivavam as recordações ainda frescas, que as nossas palavras arrancavam a crosta das feridas e que estas sangravam de novo, sentimos que era quase como se estivéssemos a falar ao Povo duma zona libertada do nosso País.

Assim a solidariedade entre o nosso povo e os povos dos países socialistas que visitámos, aparece primeiramente como o fruto de uma experiência comum, idêntica, de sofrimento e luta.

O segundo elemento desta solidariedade é o espírito internacionalista que o Povo é educado.

O espírito internacionalista conduz as massas a considerar a luta dum outro Povo como sendo a sua própria luta, e assim aceitaram sacrifícios para ajudar o Povo irmão. Numa fábrica de armas que visitámos na China, contaram-nos que um operário dessa fábrica, veterano do Partido Comunista, tinha um cancro no intestino. Ele sofria dores horríveis, no entanto, recusava ser afastado da produção dizendo que apesar das dores podia produzir mais uma arma, que serviria para combater o imperialismo no Vietnam ou em Moçambique. As suas dores era uma coisa pequena e desprezível, dizia ele, comparada com os sacrifícios dos Povos que combatem o imperialismo.

Perto de metade da Coreia está ocupada pelos americanos, que instalaram no Sul um regime fantoche, esta é também a situação do Vietnam. No centro da República Democrática Alemã, em Berlim, os imperialistas americanos, ingleses, franceses, têm bases militares, centros de espionagem, centros de provocação contra a República Democrática Alemã. A Província chinesa de Taiwan está ocupada pelos americanos, que aí instalaram um governo fantoche dirigido por Tchang Kai Chek, grande traidor e opressor do Povo chinês.

Quer isto dizer que nós compreendemos muito bem se estes países só estivessem preocupados com a sua situação, se só pensassem em libertar as partes do seu território que estão ocupadas e em desenvolver o bem estar das zonas livres.

Mas não, eles preocupam-se conosco, os trabalhadores fazem sacrifícios, trabalham mais horas, desprezam a dor e as dificuldades, para nos podermos apoiar. Em toda a parte, quando comovidos nós agradecemos a ajuda, sentimos o valor dessa ajuda, os dirigentes, os quadros, os trabalhadores, como que embaraçados pelos nossos agradecimentos, respondiam: "Camaradas, é o nosso dever internacional. A vossa luta ajuda-nos".

Continuamente ouvimos que a nossa luta em Moçambique, o nosso combate que destrói o exército português, que destrói o material de guerra da OTAN, a nossa luta que faz recuar as companhias imperialistas da América, Inglaterra, França, Alemanha Federal, Japão, a nossa determinação em fazer de Moçambique um território livre do imperialismo, livre da exploração do homem, este nosso combate, esta nossa luta, é uma ajuda para os outros Povos. E sentimos então que nós também estamos a cumprir o nosso dever internacional, nós também pertencemos à grande família dos povos e classes oprimidas que se unem para derrubar o mundo antigo e construir uma sociedade nova.

A nossa responsabilidade não é só nacional, é também internacional. O ano passado, no momento mais duro da ofensiva

quando as tropas criminosas de Kaula nos atacaram com mais violência, o nosso Presidente disse-nos: " Não podemos trair o sangue dos nossos camaradas, não podemos trair os Povos que lutam há 20 anos".

Se numa Província nossa os nossos camaradas cessassem o combate, eles transmitem a revolução, nós todos iríamos sofrer, não só o Povo dessa Província, mas o Povo inteiro. O inimigo estaria mais livre, o inimigo poderia concentrar mais forças, mais tropas contra as outras Províncias.

Assim é no plano internacional. Os países livres, os países socialistas, aparecem como zona libertada mundial, como base de apoio, base de reatguarda. Mas a reatguarda para se defender, a base de apoio para apoiar a frente, é necessário que a luta se estenda continuamente a novas regiões. A reatguarda tem o dever de apoiar a frente, pela sua produção, e a frente tem o dever de apoiar a reatguarda pela expansão do combate. Sem reatguarda a frente é liquidada, sem frente a reatguarda é destruída.

"Não trair os Povos que lutam há 20 anos", é não trair as outras frentes, isto é os camaradas que como nós, no Laos, no Camboja, em Angola, na Guiné . . . estão a combater, é não trair as zonas livres, as bases de reatguarda, aqueles que fazem sacrifícios, dão o suor para nos apoiar, os países livres,

nosso aliados, os países socialistas. A Romênia precisa do camião que nos dá, tem falta de camiões. A República Democrática Alemã tem dificuldades em obter papel, os livros que nos fornece representam sacrifícios. A Coreia precisa da exota que nos envia, ela tem falta de aço. A Bulgária necessita do tecido que manda para Moçambique, ainda há dificuldades de roupa. Uma arma custa muito trabalho, muito aço de alta qualidade, a China, a União Soviética, têm ainda problemas para resolver na economia, na satisfação das necessidades das massas. Se eles nos ajudam, se nos dão o seu suor, é porque somos frente, porque a frente é sangue e o suor deve apoiar o sangue. Se eles nos dão o seu suor é porque antes derramaram sangue, antes fizeram sacrifícios para se libertar e por isso na própria carne, conhecem o valor do sacrifício que fazemos.

As visitas feitas pela nossa delegação aos países socialistas da Europa e da Ásia, vão desenvolver muito a solidariedade internacional para conosco, vão aumentar o apoio moral, político, diplomático e material à nossa causa. Respeitar esse apoio, honrar o sacrifício, o sangue e suor que representa a ajuda, significa estender a luta, destruir mais o inimigo, reforçar mais as bases da sociedade nova.

Este é o nosso dever nacional, este é o nosso dever internacional.

COMUNICADO DE GUERRA (continuação)

tendo morto o administrador e 5 soldados portugueses membros da chamada "Organização Provincial de Voluntários".

— 15 de Agosto: Um pesado ataque destruiu 6 casas do posto inimigo de Chintunkulo, e causou a morte de muitos soldados portugueses.

— 23 de Agosto: Pelo menos cinco soldados portugueses foram mortos e muitos outros feridos, quando os combatentes da FRELIMO atacaram o inimigo que se encontrava acampado numa loja de um senhor Ferreira, na povoação do régulo Cachombo.

Emboscadas no rio Zambeze:

Além dos 2 barcos de patrulha afundados em Julho, saídos de Matende, na área de Bonga, em frente da montanha de Manherere, os nossos camaradas afundaram nos dias 10 e 23 de Agosto mais 4 barcos inimigos:

— 10 de Agosto: Uma emboscada montada pelas forças da FRELIMO no rio Zambeze, no troço entre Bakwali e Mague, resultou em 2 barcos de patrulha inimigos afundados. Cada barco transportava 8 soldados portugueses: todos os 16 soldados foram mortos.

— 23 de Agosto: Outra emboscada na zona entre Chicoa e Kakwali destruiu mais 2 barcos inimigos. Um 3º barco conseguiu fugir e regressar a Chicoa. Todos os 13 soldados portugueses que seguiam nos 2 barcos afundados foram mortos.

Operações de Sabotagem:

Em 29 operações de sabotagem nos meses de Julho e Agosto, os nossos camaradas mataram mais de 80 soldados portu-

gueses, e destruíram 20 veículos incluindo um tractor. As mais importantes operações tiveram lugar em Nkanya, Casula, Nthawa, Nyaluwiro, Bawe, Kakwali, Chicoa, Fingoe, Chipera, Cahora-Bassa, Furancungo e Bene.

Emboscadas:

Lançamos 22 emboscadas importantes contra as tropas portuguesas durante os meses de Julho e Agosto, nas zonas de Vila Coutinho, Fingoe, Casula, Chituta, Furancungo, Tete, Tembwe e Zumbo. Nestas acções, morreram cerca de 100 soldados portugueses, e foram destruídos 10 carros.

Relatamos a seguir em pormenor algumas operações importantes dos nossos camaradas:

— Uma força da FRELIMO sabotou a estrada entre Fingoe e Mucanga, bloqueando-a com troncos minados com 2 granadas. No dia 19 de Julho o inimigo apareceu, vindo de Fingoe. Os soldados começaram a tirar os troncos para os lados, para os carros passarem. Nisto explodiu a primeira granada, matando vários inimigos. Os portugueses pensaram que já não havia perigo, e continuaram a mexer nos troncos, o que causou a explosão da 2ª granada. Então a coluna inimiga, desmoralizada com tantos mortos e feridos, desistiu da missão e regressou para Fingoe de onde tinha partido.

— No dia 29 de Julho um pelotão colonialista tentou invadir a nossa zona de Kahama, tendo conseguido chegar até à povoação de Matemwe, de onde levou uma jovem patriota. Quando os guerreiros foram informados, montaram uma emboscada de espera no trilho por onde o inimigo passaria. No seu regresso — dia

30 — às 7 horas da manhã, o grupo inimigo entrou na emboscada e parou a discutir com a nossa camarada prisioneira, mesmo em frente das nossas armas. Abrimos fogo forte, que resultou na morte de muitos soldados inimigos incluindo o próprio comandante conhecido por "Thika", que era um assassino famoso naquela área. Esta a sorte que estão a ter e há-de ter todos os carros portugueses.

— Em 8 de Agosto de manhã um camião inimigo saiu de Oliveira em direcção à antiga picada de Causandeu. Pelas 13 horas o camião foi destruído com uma mina, tendo morrido muitos dos soldados que nele seguiam. Os soldados sobreviventes resolveram regressar para Oliveira a pé, já que não tinham outra solução. Mas quando marchavam do lado direito da pista, poucos minutos depois pisaram outra mina e mais dois deles morreram. Teimosos, desesperados, resolveram passar para o lado esquerdo da pista. Poucos metros adiante tiveram a mesma sorte — caíram noutra mina, e sofreram mais mortos e feridos. Os restantes então sentaram-se no chão e recusaram-se a dar mais um passo: chamaram o helicóptero que veio buscá-los, assim como aos mortos e feridos, cerca das 18 horas.

— No dia 29 de Agosto saiu um carro do posto dos O.P.V. de Cicomo, para ir buscar comida. Os nossos camaradas foram informados pelo povo, e montaram uma emboscada. Quando o carro passava foi atacado e assaltado. Um O.P.V. foi capturado, juntamente com a sua arma. Outros foram mortos e outros fugiram. Além disso, os nossos camaradas capturaram outras armas "Mausers" e respectivas munições, e granadas. O carro foi queimado.



CHINA

Foto em cima: O 1º Ministro Chou En Lai saúda o Presidente da FRELIMO

Foto em baixo: O camarada Chou En Lai recebe a delegação da FRELIMO em Pequim.



VIETNAM

Foto em cima: O camarada Pham Van Dong, Primeiro Ministro da República Democrática do Vietnam, recebe o Presidente e a delegação da FRELIMO.

Foto à direita: O camarada General Vo Nguyen Giap, Ministro da Defesa da República do Vietnam, acolhe calorosamente o Presidente da FRELIMO.



IMAGENS DA VISITA À ÁSIA SOCIALISTA



COREIA

O camarada Kim Il Sung (no centro), Secretário-Geral do Partido do Trabalho da Coreia e Primeiro Ministro, acompanhado por altos dirigentes do Partido, recebe o Presidente e a delegação da FRELIMO.



Mocambique livre recebeu mais três visitantes (foto em cima) no passado mês de Setembro. Eles são americanos, membros de movimentos que se opoem à política imperialista do governo dos Estados Unidos da América, e simpatizantes da nossa luta de libertação. Foram convidados pela FRELIMO para fazerem um filme sobre a nossa luta, com vista a mobilizar o povo americano em apoio à nossa causa. Robert van Lierop, chefe do grupo descreve as impressões dele e dos seus camaradas durante o seu convívio com os nossos guerrilheiros e o nosso povo:

« Durante a nossa estadia de 5 semanas e meia em Moçambique livre, tivemos a possibilidade de conhecer e viver muitos diferentes aspectos da vida dos nossos camaradas — o povo de Moçambique. Não só vivemos, comemos, marchámos e dormimos com o povo mas fomos também alvo de um ataque inimigo, durante o qual pudemos ver a determinação e força das massas e dos guerrilheiros, os quais não só derrotaram o inimigo e correram com ele, como também usaram esse ataque para estudarem os pontos fracos e as contradições do inimigo.

É difícil descrever o que sentimos quando atravessámos a fronteira e entrámos nas áreas libertadas já do colonialismo português. Elas são o resultado de muitos anos

de trabalho duro por parte dos camaradas da FRELIMO. Foi esse trabalho que nos permitiu vir filmar, fotografar e gravar esta luta histórica. Por outro lado, a nossa visita foi o ponto culminante de muitos anos de planificação, com vista a conseguir que a nossa equipa relatasse esta luta ao público americano.

O povo de Moçambique sabe que o governo Americano é um dos principais aliados de Portugal. Apesar da retórica liberal da América nas assembleias internacionais, o que é certo é que o apoio económico, político e militar Americano ajuda o governo colonial português na sua luta contra os povos de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. Toda a gente sabe que sem este apoio (e dos outros aliados da NATO co-

« A REVOLUÇÃO VIVE E CRESCE NO CORAÇÃO DO POVO »

mo a Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda e Bélgica) Portugal não poderia manter estas três guerras. Mas as pessoas que encontramos sabiam distinguir entre os actos do governo americano e o povo americano, da mesma maneira que distinguem entre combater o sistema colonial português (que é o que a FRELIMO faz), e lutar contra o povo português (o que a FRELIMO não faz), povo esse que é ele próprio vítima de um regime cruel e de opressão.

Em toda a parte onde estivemos, fomos recebidos como amigos. O povo abriu-nos a sua alma e contou-nos os seus sofrimentos sob o colonialismo, e o seu trabalho na criação da nova sociedade através da revolução. Embora o povo moçambicano esteja a enfrentar muitas dificuldades nesta luta prolongada, ele soube encontrar um meio de nos comunicar o seu calor a sua generosidade e a sua hospitalidade.

Nós vimos escolas onde nunca se tinha ouvido falar de escolas. Vimos hospitais e clínicas onde o povo nunca tinha recebido quaisquer cuidados médicos. Vimos produção agrícola para benefício do povo onde anteriormente havia cultivo obrigatório de produtos para as indústrias dos colonialistas. Vimos homens, mulheres e crianças trabalhando juntos, em igualdade, onde anteriormente vigoravam distinções artificiais e arbitrárias, implan-

tadas e impostas por um sistema social feudal, e encorajadas e usadas pelos colonialistas. Vimos unidade entre camaradas de todas as partes de Moçambique onde anteriormente nenhum africano poderia viajar "legalmente" de uma parte do país para outra. Vimos esperança onde antes existia apenas frustração e desespero.

Tudo isto, e muito mais, é devido aos esforços do povo de Moçambique. A FRELIMO não tem aviões, nem navios, nem indústrias pesadas. Mas tem algo mais importante — espírito revolucionário! Todos os dias nas áreas libertadas, camaradas acordam e vão ensinar nas escolas. Muitas vezes eles não têm material — papel, lápis, giz, quadro preto, carteiras, cadeiras, nada! Por vezes são obrigados a escrever a lição do dia na areia. Eles fazem isto absolutamente conscientes de que talvez este seja o caminho que terão de seguir durante o resto das suas vidas. O mesmo no que se refere aos quadros da saúde. Eles trabalham em condições extremamente difíceis, mas sem nunca pensarem em abandonar o seu povo para irem arranjar empregos bem pagos na Europa, América ou qualquer país independente em África. E o mesmo quanto aos camaradas que todos os dias vão para emboscadas, que por vezes têm de esperar dias e dias sem o inimigo aparecer, sem dormir, com apenas alguns pedaços de mandioca crua para comerem.

A revolução em Moçambique é um processo, não é um episódio. Todos os dias são dados pequenos passos, preparando-se o caminho para a próxima geração que terá de continuar a luta iniciada pelas camaradas desta geração. Acontecimentos sensacionais ou individuais não têm lugar neste processo revolucionário. A luta assemelha-se a uma corrida de longa distância, que exige paciência, trabalho de equipa, coordenação, resistência e determinação. Não é como um "sprint" que requer só um impulso inicial forte (que não pode ser mantido) e sensacionalismo. Os americanos que dizem ser revolucionários mas que só se limitam a fazer declarações simplistas sobre lutas não-ideológicas têm muito a aprender do povo moçambicano que está na linha da frente da luta mundial contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo.

Infelizmente, muitas pessoas ainda têm uma noção romântica da revolução e não são capazes de compreender o trabalho duro e a disciplina necessários para construir o que a FRELIMO já construiu e está a construir. A medida que marchávamos nas zonas libertadas, compreendíamos melhor as dificuldades que tiveram que ser vencidas para a luta chegar ao grande desenvolvimento a que já chegou. As menores dessas dificuldades são os problemas materiais de sobreviver sem absolutamente nenhum dos luxos ou comodidades da vida. O problema maior é talvez vencer as dívidas, conflitos e contradições individuais que existem em todos os seres humanos.

É agora absolutamente impossível para o inimigo vencer o povo moçambicano. Inevitavelmente, a justiça da causa e a motivação deste povo conduzirão à derrota do colonialismo português. Tudo o que o inimigo pode fazer é pedir ajuda aos seus amigos (bombas, aviões, helicópteros, etc), para adiar por algum tempo mais a vitória final da FRELIMO. Mas quando faz isso, o inimigo ajuda a reforçar a determinação das massas. Um dia um moçambicano nas regiões libertadas disse-nos que nos sete anos desde que começou a luta armada, a FRELIMO fez mais para o povo do que os colonialistas portugueses fizeram em 5 séculos.

Um acontecimento interessante e significativo: um dia, pouco tempo depois do ataque inimigo, estávamos sentados de baixo de uma árvore, a almoçar, como hóspedes do povo daquela zona. Um avião de propaganda sobreviou este local, e com alto-falantes ameaçava matar todos os que não regressassem para o lado dos portugueses. Ao mesmo tempo, este mesmo avião (que alguns dias antes tinha lançado bombas sobre o povo) prometia que os portugueses dariam escolas e hospitais se o povo desertasse da FRELIMO. O povo disse-nos que ninguém acredita no inimigo, que um dia lança bombas e no dia seguinte promete coisas que só a FRELIMO introduziu nas suas vidas.

O inimigo está erradamente convencido de que pode destruir uma escola ou um hospital queimando e destruindo as cabanas, e que se tiver destruído bastantes cabanas e campos terá destruído a revolução.

Mas nós vimos que as escolas e os hospitais estão estabelecidos nas cabanas só temporaneamente: na realidade, eles exis-

tem no coração do povo. Isto é revelado pelo facto de que se a cabana foi destruída, a escola ou hospital continuará a funcionar nomato, debaixo de uma árvore. Do mesmo modo, a revolução (e seu progresso) não pode ser medida em termos de cabanas ou campos, nem sequer em termos de território libertado. Porque a revolução em Moçambique vive e cresce no coração do povo, e esse não pode nunca ser destruído.

Quando chegou a altura de partirmos ficamos tristes com a perspectiva de deixarmos o povo que já amamos como camaradas. Mas, quando vemos este povo cumprindo o seu dever, realizando as suas tarefas, lembramo-nos de quão importante é também o nosso dever de dizer ao mundo o que vemos. Os camaradas ensinaram-nos a considerar a nossa partida da mesma maneira que eles se separam quando vão em alguma missão; ensinaram-nos a pôr nesta missão a mesma dedicação e disciplina que eles põem na sua vida diária. Isto tornou a nossa despedida um pouco mais fácil.

Mas nós nunca partiremos realmente de Moçambique. Quando os nossos camaradas sobem uma montanha, ou atravessam um rio, ou dormem no mato, ou comem mandioca crua, ou trabalham nos campos ou fazem qualquer outro trabalho que é parte da sua vida de luta — nós estaremos com eles. Moçambique está nos nossos corações, e os nossos corações estão em Moçambique. Por isso, os camaradas nunca estarão só. Embora os nossos corpos estejam noutra parte do mundo cumprindo uma missão — os nossos corações estarão sempre em Moçambique.

Viva a FRELIMO! »



Oferecendo da população de uma aldeia do Niassa aos visitantes americanos

Os países que mencionamos ou se libertaram já, através da guerra popular prolongada — caso da China, e parte norte da Coreia e do Vietnã — ou ainda estão a combater para expulsar o imperialismo americano das suas terras, como se passa no Camboja, Laos e Vietnã do Sul. Estes seis países têm uma experiência muito rica de combate contra diversos imperialismos (francês, japonês e americano), e de reconstrução nacional em período de guerra e de paz. Estes países em graus diversos, encontram-se todos engajados na construção duma sociedade nova, sem exploração do homem, com um poder popular.

O nosso primeiro objectivo era de aprender a experiência muito rica dos nossos camaradas de armas e transmitir-lhes também o que tem sido a nossa experiência nestes 7 anos não só da guerra, mas também de reconstrução nacional, de edificação duma sociedade nova, de instauração do poder popular.

Estes países, como nós estão em guerra, ou em confrontação directa com o imperialismo, confrontação que pode resultar em guerra. Nestes países o imperialismo, além de cometer toda a espécie de crimes-bombardamentos com centenas de aviões, destruição de povoações, celeiros, machambas, massacres sem conta — faz toda a espécie de manobras para confundir as massas, dividir o povo, camuflar o alvo: uma das manobras principais é a de criação de governos fantoches e a propaganda anti-comunista. Como nós, estes camaradas precisam de solidariedade, de apoio moral, político, diplomático e material. Fomos pois levar-lhes a nossa modesta solidariedade, dar-lhes o nosso apoio moral, político e diplomático, falar-lhes da nossa luta que é uma contribuição para a luta deles, dizer-lhes que o combate deles é uma grande ajuda e estímulo para nós. Transmitir-lhes a nossa solidariedade era pois o nosso segundo objectivo. Fazendo isso, aprendendo com eles, apresentando-lhes a nossa experiência, estávamos também a reforçar os nossos laços de amizade, solidariedade e camaradagem.

Alguns destes países, a China, a Coreia, conseguiram já vencer grandes dificuldades e encontram-se em fases avançadas do

desenvolvimento económico e social. Estes países não só viveram os mesmos sofrimentos causados pela opressão imperialista e tradicional, como também viveram as dificuldades amargas da guerra. Eles estão empenhados em destruir o imperialismo, que os ameaça e ocupa parte dos seus territórios — a Província de Taiwan, a parte sul da Coreia. Estes países decidiram fazer sacrifícios para apoiar a nossa luta.

O nosso terceiro objectivo era pois explicar a fase em que a nossa luta se encontra, a fim de ajudar os camaradas a fornecerem-nos a ajuda material que corresponda à nossa situação.

Se quiséssemos resumir muito brevemente as lições que tirámos, apresentariamos os pontos seguintes:

1 — Todos estes países têm uma experiência tão dolorosa como nós da exploração imperialista. Esta experiência não está esquecida, porque o inimigo ainda está presente. Por outro lado, os Partidos esforçam-se em educar as novas gerações de continuadores de maneira a manter vivo o espírito de solidariedade internacionalista.

2 — Para combaterem com sucesso o inimigo, esses países uniram todo o Povo no seio de frentes muito largas, onde se encontram organizadas todas as forças patrióticas.

3 — A ideologia revolucionária é o instrumento principal que serve para unir as massas, definir correctamente o inimigo, determinar o principal e o secundário, estabelecer as prioridades, distribuir as tarefas.

4 — Na aplicação da linha correcta e no trabalho no seio das massas, o factor decisivo são os quadros.

5 — O exército é um instrumento principal, no cumprimento das tarefas políticas. O exército é composto pelos elementos mais conscientes e firmes do Povo.

6 — É necessário combinar continuamente a luta armada com a luta política e diplomática. Embora seja a luta armada quem conduz à vitória, a questão de saber num momento concreto qual é a forma prioritária de luta, depende da situação.

7 — Os militantes, dentro e fora do exército, combinam continuamente o combate (combate armado, político, ideológico, diplomático) com o estudo (político, técnico, científico, cultural) e a produção.

8 — O homem é o factor decisivo da vitória. Para vencer é necessário contar com as próprias forças. Daí a grande preocupação em libertar a energia criadora das massas e a grande necessidade de economia.

9 — A alta disciplina revolucionária é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Ela porque resulta duma consciência revolucionária promove um grande espírito de sacrifício e determinação.

10 — Onde há revolução não faltam manobras do inimigo, não falta contra-revolução. É preciso pois muita vigilância contra o inimigo e reacções.

11 — A vigilância deve-se estender a nós mesmos. Não se pode combinar a guerra com conforto, nem revolução com corrupção. O conforto e corrupção são agentes do inimigo no nosso seio.

12 — A solidariedade internacional é muito importante. Devemos atribuir um grande valor a ela e saber respeitá-la.

Estes doze pontos, embora muito condensados, resumem as lições que retirámos da experiência dos nossos camaradas. Eles não são novos para nós, eles confirmam a nossa experiência, a nossa orientação política.

A nossa missão foi um sucesso muito grande, em todos os pontos de vista. O papel é pobre para exprimir o calor, a amizade, o carinho a mesmo as lágrimas de alegria, com que fomos recebidos pelos nossos camaradas de armas dos países visitados. Este calor é a combinação do nosso sangue e sacrifícios com o sangue e sacrifício deles. Porque combatemos de armas na mão o imperialismo, temos hoje uma personalidade, o nosso País é respeitado, o nosso Povo é amado. Porque eles combatem, porque as terras e os homens que visitámos sangram ainda da luta dura contra o imperialismo, eles souberam medir o sangue que a FRELIMO representa, a solidariedade do sangue.

A luta continua em todas as frentes.

Durante a corrente sessão da Organização das Nações Unidas, no passado dia 25 de Outubro, esta Organização decidiu reconhecer a República Popular da China como único e legítimo representante do povo chinês, e expulsar o grupo de Tchang Kai Chek.

fantoches dos americanos. Por esse facto, o Presidente da FRELIMO enviou um telegrama de felicitações ao Primeiro Ministro da República Popular da China, Camarada Chou En Lai. O texto do telegrama é o seguinte:

O POVO MOÇAMBICANO E A FRELIMO FELICITAM CALOROSAMENTE O PARTIDO COMUNISTA CHINÊS O POVO E O GOVERNO DA RPC PELO RESTABELECIMENTO DOS DIREITOS LEGAIS E LEGÍTIMOS DA RPC NA ONU DONDE FOI EXPULSO O GRUPO DE TCHANG KAI CHEK STOP ISTO É MAIS UMA GRANDE VITÓRIA DE TODAS AS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS MAIS UMA DERROTA VERGONHOSA DO IMPERIALISMO AMERICANO STOP A CALSA DOS POVOS NO SEIO DA ONU FICA REFORÇADA A CALSA DO IMPERIALISMO ENFRAQUECIDA STOP FELICITAMO-NOS VIVAMENTE QUE A DECISÃO DA ONU TENHA RECONHECIDO TAIWAN COMO PARTE INTEGRANTE DA CHINA STOP DESEJAMOS NOVOS E MAIORES SUCESSOS AO POVO IRMAO DA CHINA STOP ALTA CONSIDERAÇÃO

SAMORA MOISÉS MACHEL, PRESIDENTE DA FRELIMO



MENSAGEM DA FRELIMO AOS SOLDADOS PORTUGUESES

ESTA MENSAGEM é destinada aos soldados portugueses, àqueles soldados que vieram de longe, de muito longe, de um outro continente, invadiram a nossa terra e estão a matar o nosso povo, a queimar os nossos campos, a violar as nossas irmãs.

SOLDADO PORTUGUÊS, queremos dizer-te que o que tu estás a fazer é mal feito, é cruel, é desumano, é criminoso. Pensa bem: Se nós saíssemos da nossa terra, da África, e fossemos invadir a tua terra na Europa, como é que tu sentirias? Se nós Moçambicanos fossemos destruir os campos que os teus pais e tu próprio com tanto esforço e carinho cultivaram, se queimássemos as tuas casas, se pilhássemos os teus bens, se assassinássemos os teus filhos, se violássemos a tua mãe, a tua noiva e as tuas irmãs, se nos instalássemos como donos da tua terra — tu ficarias de braços cruzados como um poltrão? Aceitarias tu ser humilhado, batido, roubado, acorrentado sem te revoltares? Não, tu não agirias assim. Tu havias de pegar em armas, e lutar contra o invasor. Os teus antepassados fizeram isso — quando foram invadidos pelos Árabes, pelos espanhóis, pelos franceses, eles lutaram heróicamente para defenderem a sua independência, recusaram submeter-se a um poder estrangeiro. E é isso precisamente o que nós estamos a fazer.

SOLDADO PORTUGUÊS, tu lutas contra nós porque nunca pensaste no que estás a fazer. Foste apanhado no campo,

onde tranquilamente ajudavas os teus a cultivarem a tua terra. Meteram-te em barcos e desembarcaram-te em Moçambique. Meteram-te uma arma na mão e disseram-te: «Vai combater os terroristas». E tu foste, como um autómato, como um instrumento, sem pensares se essa guerra que te mandavam fazer era justa ou injusta, sem saberes para que lutas, contra quem lutas.

É tempo de fazeres um exame de consciência. Tu és homem como nós, tu não nasceste criminoso: São aqueles que te mandaram para a guerra que se tornam criminoso. O povo português, o teu povo, é honesto e trabalhador, não é um povo de assassinos. Nós sabemos isso. Porque então tu vens matar o nosso povo? Tudo o que queremos é viver em paz, na nossa terra africana, como donos da nossa terra. Temos esse direito. E é precisamente porque esse direito nos é negado que nós lutamos. Lutamos contra ti, soldado português, porque és tu que te opões à paz e progresso no nosso país. Se não fosses tu, se em vez de estares aqui a lutar contra nós, tu estivesses na tua terra a cultivar os teus campos, nós não teríamos de lutar, nós haveríamos guerra na nossa terra, poderíamos em paz construir os nossos lares, amar as nossas mulheres e os nossos filhos, desenvolver a nossa riqueza. Mas isto não será possível enquanto tu aqui estiveres, com as armas apontadas contra nós.

E para que é que tu lutas? Disseram-te que tu vinhas defender a tua Pátria — mas

a tua Pátria é Portugal, não é Moçambique nem Angola, nem a Guiné. Cada um destes países é uma pátria diferente da tua, com um povo diferente, com costumes, tradições e História diferentes. Vists algum Moçambicano, ou Guineense, ou Angolano, ameaçar a tua verdadeira pátria que é Portugal? Não, não viste. Quem te ameaça é a Pide, são os oficiais que te apanharam, te tiraram do teu trabalho e te trouxeram para aqui, para lutares contra o nosso povo. Eles inventaram essa mentira de que a tua pátria está ameaçada para te mobilizarem, para justificarem a guerra.

Porque de facto, a única razão que leva os dirigentes do teu país a fazerem a guerra contra nós, é que eles não querem devolver-nos as riquezas que nos foram roubadas há já muito tempo. Talvez não saibas, soldado português, mas a verdade é que Portugal é Governado por uma minoria de 27 famílias. Essas 27 famílias controlam todas as riquezas — de Portugal e das colónias. Elas são donas das terras, das fábricas, das minas, do comércio. O resto, a quase totalidade do povo português, vive na miséria. Não precisamos de dizer-te, tu sabes melhor do que nós. Camponeses trabalham em Portugal de sol a sol, e o que ganham mal lhes chega para comprarem a broa. A família vive em palhotas, os filhos estão rotos e esfomeados, quando alguém adquire não há dinheiro para os remédios. E entretanto, esses grandes capitalistas vivem rodeados do maior luxo, têm vários carros para eles, para as mulheres, para os filhos, enviam os filhos para a Universidade para serem senhores Doutores e amanhã tomarem o lugar deles como gerentes, ministros, directores dos bancos. E não roubam e exploram só o povo Português: eles estendem esse roubo aos nossos povos, a Moçambique, a Angola, à Guiné. E agora que os nossos povos decidiram dizer BASTA à opressão e exploração, eles enviam-te a ti soldado português, para defenderes para eles as riquezas da nossa terra.

Porque de facto, o que é que tu lucras das riquezas de Moçambique? Nada, absolutamente nada. Dos nossos minérios, das nossas culturas, do nosso petróleo alguma vez recebeste algum? Não, são os grandes capitalistas que aproveitam. E eles não vão para a guerra — ficam em Lisboa ou Lourenço Marques, em segurança, a receber o produto da exploração, a frequentar os casinos, banquetes, recepções — e mandam-te a ti para o matar



Armamento capturado pela FRELIMO em Cabo Delgado.

onde a morte te espreita em cada arbusto, em cada esquina do caminho, em cada posto. Milhares de companheiros teus morreram já desta maneira — numa emboscada ou numa mina, sem glória, só para salvaguardar os interesses dos grandes capitalistas.

SOLDADO PORTUGUÊS, é tempo de reveses a tua posição. O colonialismo não vai durar muito, ele é condenado em todo o mundo. A própria Organização das Nações Unidas declarou já que o colonialismo português é um crime contra a humanidade. Muitos países criticam abertamente o governo português por causa da sua política colonial. São muitos os países e organizações internacionais que nos dão apoio, moral e material. Assim, o desenvolvimento da nossa luta vai processar-se em ritmo mais acelerado. E se fores apanhado neste processo, nesta luta, serás morto pelos guerrilheiros da FRELIMO: e terás morrido para nada, nem sequer terás a glória de teres morrido heróicamente. Pois sabes que o teu governo preocupa-se mais com o material do que com as vidas humanas? Depois da ofensiva que lançou contra as zonas da FRELIMO, o ano passado, quando foi forçado a retirar-se, o vosso comandante Kaula de Arriaga declarou que "o pior foi o material destruído, que custa muito dinheiro. Os soldados mortos podem substituir-se facilmente". Já vês em que estima os teus superiores te têm. E mesmo isso: para eles é pura e simplesmente carne de canhão, um instrumento menos valioso do que uma G-3 ou um carro.

SOLDADO PORTUGUÊS, nós não queremos influenciar-te a tomar uma

decisão. Tu és homem, tens consciência, tens capacidade para fazeres os teus próprios julgamentos. Se achas que estás a fazer bem fazendo a guerra, assassinando o nosso povo, então continua. Mas se, segundo a razão e a justiça, compreendes que a luta que estás a travar é injusta e imoral, e queres pôr termo a ela, então deserta para o nosso lado. Já vários soldados portugueses desertaram e acolheram-se à protecção da FRELIMO. Por exemplo, LUÍS MACHIAL, AMÉRICO NEVES DA SOUZA, MANUEL DE JESUS SANTOS, MANUEL DA SILVA LOPES, EUSÉBIO MARTINHO DA SILVA, JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DA MATA, JOSÉ AUGUSTO LOPES. Dois outros renderam-se durante um combate, JOÃO BORGES GOMES e FERNANDO DOS SANTOS ROSA. Foram todos confiados pela FRELIMO à Cruz Vermelha Internacional, que os tomou ao seu cuidado. A maior parte quis ir para França ou Algéria trabalhar — e estão lá hoje, livres da guerra, trabalhando em paz. Só um soldado que foi feito prisioneiro pela FRELIMO num ataque ao posto de Nambude em Cabo Delgado, João Borges Gomes, preferiu voltar para Portugal. Ele foi ferido e rendeu-se durante o ataque, os guerrilheiros trouxeram-no para as nossas zonas, trataram-no e quando foi entregue à Cruz Vermelha disse que queria voltar para Portugal. Foi-lhe feita a vontade — mas depois de voltar para Portugal não mais ouvimos falar dele.

É esta a nossa política: acolher como nossos irmãos, como nossos aliados, os soldados portugueses que desertam e, por esse acto, mostram oposição à política colonial contra o nosso povo.

SOLDADO PORTUGUÊS, é possível, é natural que tenhas dúvidas, hesitações em dares este passo decisivo para a tua liberdade. Nós sabemos a propaganda que os oficiais portugueses espalham entre os soldados — dizem-te que todo o soldado português apanhado pela FRELIMO é morto, torturado, dizem-te que somos terroristas, assassinos, e outras coisas semelhantes. Mas fica certo disto: os únicos que massacram, torturam, assassinam, são as autoridades colonialistas portuguesas, ou os soldados por ordem das autoridades.

NUNCA nós maltratamos um soldado que deserta ou se rende ou mesmo um prisioneiro. Numa reunião com o povo, há poucas semanas, o Presidente da FRELIMO disse: "se algum de vós maltratasse um soldado português que desertou ou se rendeu, isso seria um crime tão grande como matar ou maltratar um camarada, um irmão vosso." Também nós nunca definimos o inimigo pela cor da pele, ou pela origem ou nacionalidade. Há brancos, portugueses, que trabalham e lutam connosco.

E há pretos que lutam contra nós, ao lado dos colonialistas. A cor da pele portanto não pode ser critério para a definição do inimigo.

Isto quer dizer que todos os receios que possas ter são absolutamente infundados. A nossa orientação é profundamente humana e justa. Todos os soldados portugueses que desertarem da tropa colonial, ou se renderem, serão bem-vindos à FRELIMO.



O Presidente da FRELIMO, camarada Samora Machel, conversando com soldados portugueses desertores e prisioneiros em Moçambique livre.